

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional
Curso de Psicologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Colonialidade da Sexualidade: dos conceitos “clássicos” ao pensamento crítico descolonial

Tatiane Borchardt da Costa

Pelotas, 2019

Tatiane Borchardt da Costa

Colonialidade da Sexualidade: dos conceitos “clássicos” ao pensamento crítico descolonial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

C837c Costa, Tatiane Borchardt da

Colonialidade da sexualidade : dos conceitos "clássicos" ao pensamento crítico descolonial / Tatiane Borchardt da Costa ; Míriam Cristiane Alves, orientadora. — Pelotas, 2019.

40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Psicologia. 2. Sexualidade. 3. Racismo. 4. Colonialidade. 5. Pensamento descolonial. I. Alves, Míriam Cristiane, orient. II. Título.

CDD : 150

Elaborada por Elionara Giovana Rech CRB: 10/1693

Tatiane Borchardt da Costa

Colonialidade da Sexualidade: dos conceitos “clássicos” ao pensamento crítico
descolonial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial, para
obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia
e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 09 de Julho de 2019.

Banca examinadora:

.....
Prof^a. Dr^a. Míriam Cristiane Alves (Orientadora)
Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do
Sul

.....
Prof^a. Dr^a. Károl Veiga Cabral
Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

.....
Prof. Dr. Rafael da Silva Noletto
Doutor em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo

.....
Prof. de Letras Tiago Rodrigues da Costa
Mestrando em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Agradeço e dedico esse estudo à minha avó, que durante muitos anos me cuidou, me protegeu, me ensinou e me orientou e hoje carrega com sabedoria e sofrimento marcas dolorosas demais, que beiram ao insuportável e que eu possa, assim que terminada esta jornada, dedicar-lhe o mesmo carinho, cuidado e acalento.

Agradeço imensamente à minha mãe, que contou-me histórias mesmo sem ter afeição aos livros, que me ensinou a potencialidade do imaginário, que mesmo com fama de impaciente, nunca perdeu a paciência comigo, muito pelo contrário.

Agradeço às demais mulheres da família, as quais compõem uma rede de afeto, união, compartilhamento e cuidado sem a qual a maioria de nós não resistiria.

Agradeço ao Cê, que não se resume à consoante, de forma peculiar, é pai, amigo, incentivador, exemplo e também possuidor de uma paciência incessante.

Agradeço à Amanda por sua companhia, dedicação, carinho, paciência, investimento e aconchego, seu amor me proporciona a imensidão do oceano, a leveza da correnteza, a calma do riacho e a ondulação inesperada de um mar sem sossego.

Por fim, agradeço imensuravelmente a minha Orientadora, por me acolher, orientar, me proporcionar possibilidades e oportunidades que com certeza tiveram em minha caminhada importância transformadora. Bem como ao Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko, parceiros e parceiras de luta e resistência, que nossas tardes de aprendizado e afeto tornem-se arsenal para as batalhas em iminência.

Resumo

DA COSTA, Tatiane Borchardt. **Colonialidade da Sexualidade**: dos conceitos “clássicos” ao pensamento crítico descolonial. Orientadora: Miriam Cristiane Alves. 2019. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Curso de Psicologia, Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Na presente pesquisa iremos versar sobre a sexualidade humana e sua interface com os conceitos de raça e colonialidade. Nosso principal objetivo faz-se problematizar conceitos “clássicos” acerca da sexualidade humana em Psicologia, colocando-os em discussão a partir do pensamento crítico descolonial. O referencial teórico-epistemológico proposto na discussão parte de autores que teorizam sobre a sexualidade por perspectivas psicobiológicas e sóciohistóricas, aos quais incluiremos autores e autoras do pensamento crítico descolonial e/ou que contribuem para a discussão acerca das relações raciais dentro e fora do Brasil. Para corroborar esta argumentação, o método escolhido caracterizou-se no co-labor, o qual baseia-se na construção do conhecimento de forma situada, reforçando a colaboração, autonomia e integração entre os envolvidos. Tal discussão deu-se em diálogo com os/as integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko do Curso de Psicologia da UFPel, cuja principal proposta é fomentar agenciamentos epistêmicos descoloniais e antirracistas nas respectivas áreas de estudo e/ou atuação dos/as integrantes. Foram realizadas três rodas de co-labor com os/as participantes-colaboradores/as do É'lééko, gravadas em áudio e transcritas. Também fora utilizado o diário de campo para registro de acontecimentos, sentimentos, e percepções sobre o processo de investigação. O material produzido, após análise e leituras minuciosas, fora dividido em assuntos, os quais em seguida foram articulados em eixos temáticos. Podemos apontar para o argumento de que os conceitos “clássicos” que referem-se a sexualidade não necessariamente abarcam a vivência de nós, negros e negras. Principalmente no que tange às mulheres negras que vivenciam o lugar da não-heterossexualidade. A partir de uma noção de Colonialidade da Sexualidade, podemos dar início a determinado processo de compreensão em respeito de como nós homens e mulheres negros/as experimentamos a sexualidade. Muitas vezes a partir de presunções inventadas e concebidas no âmago colonial. Com isso, a potencialidade do estudo está em colocar em voga a intersecção entre sexualidade e colonialidade, levantando inquietações que podem contribuir para um viés descolonizado para a sexualidade e para embasar uma prática antirracista em Psicologia.

Palavras-chave: Sexualidade. Raça. Racismo. Colonialidade. Pensamento descolonial.

Abstract

DA COSTA, Tatiane Borchardt. **Coloniality of Sexuality**: from "classical" concepts to critical decolonial thinking. Advisor: Míriam Cristiane Alves. 2019. 42f. Graduation in Psychology - Psychology, Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

In this research we will focus on human sexuality and its interface with the concepts of race and coloniality. Our main objective is to problematize "classical" concepts about human sexuality in Psychology, placing them in discussion from the critical decolonial thinking. The theoretical-epistemological framework proposed in the discussion is based on authors who theorize about sexuality through psychobiological and sociohistorical perspectives, in which will include authors and authoress of the critical decolonial thinking and/or who contribute to the discussion about racial relations inside and outside Brazil. In order to corroborate this argument, the chosen method was characterized in the co-labor, which is based on the construction of the knowledge in a situated way, reinforcing the collaboration, autonomy and integration between the involved ones. This discussion took place in dialogue with the members of the É'lééko Studies and Research Group of the Psychology Course of UFPel, whose main proposal is to promote epistemic decolonial and antiracist assemblages in the respective areas of study and/or performance of the members. Three rounds of co-labor were carried out with the participants/collaborators of É'lééko, recorded in audio and transcribed. The field diary had also been used to record events, feelings, and perceptions about the research process. The material produced, after analysis and detailed readings, had been divided into subjects, which were then articulated in thematic axes. We may point to the argument that "classical" concepts that refer to sexuality do not necessarily encompass the experience of black people. Especially with regard to black women who experience the place of non-heterosexuality. From a notion of Sexuality Coloniality, we can begin a certain process of understanding regarding how we black men and women experience sexuality. Often from presumptions invented and conceived in the colonial core. Thus, the potential of the study is to put into vogue the intersection between sexuality and coloniality, raising concerns that may contribute to a decolonized bias towards sexuality and to support an antiracist practice in Psychology.

Keywords: Sexuality. Race. Racism. Coloniality. Decolonial thinking

Sumário

Introdução	09
1 Quem é humano do conceito “clássico” da sexualidade humana?....	10
2 Co-labor: um movimento de pesquisar coletivamente.....	15
3 Fábulas sexuais: Quem são os/as personagens que compõem essa história?.....	19
3.1 Fábulas Sexuais: Que corpos esses fragmentos ficcionais montam?....	24
3.2 Fábulas Sexuais: Que meios difundem e propagam essas histórias.....	27
4 Como a Colonialidade da Sexualidade se expressa nos relacionamentos inter-raciais?.....	31
5 Como ficam o Cuidado e a Escuta/Relação Terapêutica?.....	33
6 Expressões sexuais/afetivas: Afinal, é possível descolonizar a sexualidade?.....	35
Referências	40
Apêndice.....	43

Introdução

As linhas que se seguem versarão sobre a sexualidade humana. Agregaremos ao entendimento “clássico” deste conceito questionamentos baseados na perspectiva do pensamento crítico descolonial. Há aqui uma tentativa de compreender a sexualidade, problematizá-la e colocar em discussão neste mesmo escopo questões referentes às relações raciais.

Apresento o lugar de enunciação da pessoa que digita, mas que certamente não produz esta argumentação sozinha¹: há diversos atravessadores que me aproximam da temática que aqui está sendo proposta. Em minha curta trajetória de vida, deparei-me com uma série de “descobertas” que justificam esta abordagem e tema escolhido.

Primeiramente descobri-me mulher, quando diversas atitudes em minha infância e adolescência eram-me privadas, já que isso “não era coisa de menina”. Depois descobri-me negra, vivendo em uma família inter-racial, em que certos lugares nunca me pareceram adequados e/ou receptivos e, por conseguinte, também não eram para mim. Doravante, descobri que minha sexualidade não seguia um parâmetro dominante estabelecido, destoava do padrão de normalidade e sendo assim ela, ou melhor, eu, deveria ser mantida em segredo, pois algumas informações “as pessoas não precisam saber”.

Esses foram e são alguns exemplos de uma série de outras privações e silenciamentos impostos a mim enquanto me constituo como pessoa. Silenciamentos estes que mantiveram-me quieta por muito tempo e hoje representam a força que me impulsiona a transformar esse silêncio em ação, em questão e reflexão. Lorde (2013a, p. 20) nos orienta sobre essa transformação, nos conta sobre sua necessidade e potência vital, e que ainda que continuemos com medo, precisamos gritar nossos silêncios, “porque não são as diferenças que nos imobilizam, mas [sim] o silêncio. E restam tantos silêncios para romper!”.

Para produzir os questionamentos e reflexões presentes neste estudo, voltei-me ao Pensamento Crítico Descolonial, com o qual tive contato ao integrar o Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko. No intuito de fomentar a

¹ Você que está lendo perceberá na escrita tanto a primeira pessoa do singular, quanto do plural. Isso se dá porque ora o contexto diz respeito a mim, ora diz respeito a mim e a orientadora e ora à todos nós – quem escreve, quem co-laborou, quem orientou e quem lê.

argumentação acerca da sexualidade e sua interface com os conceitos de raça e racismo, encontrei na perspectiva do co-labor (LEYVA; SPEED, 2008) a possibilidade de uma investigação descolonizada e coletiva.

Neste sentido, com o objetivo de problematizar conceitos “clássicos” sobre a sexualidade humana em Psicologia, propus realizar esta discussão a partir do pensamento crítico descolonial em diálogo com o Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko, a fim de pensarmos a sexualidade enquanto conceito e vivência, tendo em vista a produção do conhecimento de forma plural, complexa e coletiva.

Trata-se de um estudo empírico cujas linhas serão preenchidas de indagações pessoais e indagações produzidas no âmbito coletivo, no intuito de aproximar-nos de um conhecimento descolonial sobre a sexualidade humana que fomente dentre outras coisas, uma prática clínica/psicológica antirracista.

O artigo está organizado em seis seções. Na primeira, discutiremos a sexualidade humana enquanto conceito “clássico”, acrescentando a este alguns questionamentos norteadores deste estudo. Na segunda apresentamos o método e o caminho percorrido para a produção do mesmo. As quatro seções seguintes, cuja primeira subdivide-se em dois tópicos, tratam dos principais assuntos discutidos nos encontros, ao passo que também inclui-se a argumentação teórica e ao final, algumas considerações.

1 Quem é o humano no conceito “clássico” da sexualidade humana?

Dalgalarrondo (2008) nos apresenta o conceito de sexualidade como fator constitutivo do ser humano. Em seu livro, o autor argumenta que a sexualidade humana compreende três dimensões básicas e principais: a dimensão biológica, na qual encontra-se o impulso sexual e seus componentes biológicos; a dimensão psicológica, que corresponde aos desejos eróticos subjetivos e a vida afetiva sexual do indivíduo; e, por fim, a dimensão sociocultural, referente aos padrões e comportamentos sexuais construídos historicamente e socialmente aceitos em determinadas sociedades.

Em resumo, Dalgalarrondo (2008) nos apresenta uma visão biopsicossocial da sexualidade, ressaltando a importância da vida sexual vinculada à vida afetiva, à personalidade e aos símbolos culturais. Este entendimento, por mais universal que pareça ser, está atravessado por questões

relacionadas ao conceito de gênero. Por exemplo, o próprio Dalgalarrondo (2008) cita dados que se referem ao comportamento sexual a partir do recorte de gênero, abordando diferenças entre homens e mulheres dentro e fora do Brasil. Por ser um livro didático sobre a semiologia dos transtornos mentais, o autor aprofunda-se a partir do entendimento do adoecimento, de transtornos, síndromes, sinais e sintomas presentes na dimensão sexual. Contudo, se a discussão de gênero está presente na sexualidade, questiono: que outros atravessamentos e construções também poderiam ser visibilizadas? E por que não aparecem neste tipo de literatura?

Foucault (1988, p. 66), um importante teórico sobre a sexualidade, nos apresenta a mesma como um dispositivo criado a partir de uma *scientia sexualis* que se desenvolveu ao longo do século XIX. O autor refere que, como correlata desta prática discursiva da “verdade sobre o sexo”, a sexualidade humana se define como um campo de domínio e intervenção, como “palavra obscura que é preciso, ao mesmo tempo, desencavar e escutar”.

Neste mesmo livro, Foucault (1988) assevera que os primeiros “alvos” do dispositivo da sexualidade e das técnicas médicas que se desprenderam deste foram senão a própria burguesia, ou ainda, as classes mais abastadas. Muito longe de atingir inicialmente aos pobres, de maneira oposta, “as técnicas mais rigorosas foram formadas e, sobretudo, aplicadas em primeiro lugar com mais intensidade nas classes economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes” (FOUCAULT, 1988, p.113).

A partir da família burguesa/aristocrática, problematizou-se a sexualidade das crianças e adolescentes, para então ser dado o enfoque à mulher, outro alvo corolário de tal dispositivo. Ao pensarmos que

A burguesia começou considerando que o seu próprio sexo era coisa importante, frágil tesouro, segredo de conhecimento indispensável. A personagem investida em primeiro lugar pelo dispositivo de sexualidade, uma das primeiras a ser "sexualizada" foi, não devemos esquecer, a mulher "ociosa", nos limites do "mundo" — onde sempre deveria figurar como valor — e da família, onde lhe atribuíam novo rol de obrigações conjugais e parentais: assim apareceu a mulher "nervosa", sofrendo de "vapores"; foi aí que a histerização da mulher encontrou seu ponto de fixação (FOUCAULT, 1988, p.114).

Foucault (1988) nos aponta para a sexualização e controle da sexualidade da mulher. Mas que mulher é essa senão a mulher burguesa branca? Tendo o dispositivo surgido a partir da e para a burguesia, podemos entendê-lo como “um agenciamento político da vida, que se constituiu, não através da submissão de **outrem**, mas numa afirmação de si” (FOUCAULT, 1988, p.116, grifo nosso). Desta forma, e outrem? Quem são e onde entram estes “Outros” nesta história?

Este processo de construção do dispositivo da sexualidade está pautado pelo pensamento higienista, eugenista, – ao nosso ver também racista – e hegemônico da burguesia, que ao longo do século XVIII “converteu o sangue azul dos nobres em um organismo são e uma sexualidade sadia” (FOUCAULT, 1988, p. 119). O autor nos dá a entender que fez-se uma questão de tempo e oposição para tal dispositivo chegar às classes “inferiores” ou ainda, para a burguesia “**reconhecer um corpo e um sexo** nas outras classes — precisamente naquelas que explorava” (FOUCAULT, 1988, p. 119, grifo nosso).

Em seu segundo livro, Foucault (1984) problematiza e faz sua análise acerca da constituição da moral instituída nos sujeitos no que se refere ao seu comportamento sexual desde a antiguidade greco-romana até o Cristianismo. O autor traz entre suas conclusões sobre a moral sexual grega que

A reflexão sobre o comportamento sexual como campo moral não constituiu entre eles uma maneira de interiorizar, de justificar ou de fundamentar em princípios certas interdições gerais impostas a todos; **foi sobretudo uma maneira de elaborar, para a menor parte da população, constituída pelos adultos livres do sexo masculino**, uma estética da existência, a arte refletida de uma liberdade percebida como jogo de poder. **A ética sexual que está em parte na origem da nossa repousava de fato num sistema muito duro de desigualdades e de coerções (em particular a respeito das mulheres e dos escravos); mas ela foi problematizada no pensamento como a relação, para um homem livre, entre o exercício de sua liberdade, as formas de seu poder, e seu acesso à verdade** (FOUCAULT, 1984, p.220, grifos nossos).

Apesar de não vislumbrar uma imposição a todos, percebemos que a moral ética que nos é imposta inclusive nos dias de hoje fora pensada por e para uma população específica, com base nos “adultos livres do sexo masculino”. Não somente isso, no entendimento ético grego em relação ao comportamento sexual, há dois papéis que podem ser distinguidos: “um papel que é intrinsecamente honroso e que é valorizado de pleno direito: é o que consiste

em ser ativo, em dominar, em penetrar e em exercer, assim, a sua superioridade” e outro que se constitui “daqueles que devem ser os parceiros passivos dessa atividade” (FOUCAULT, 1984, p. 190).

Neste sentido, o ato sexual divide-se na “relação entre superior e inferior, aquele que domina e aquele que é dominado, o que submete e o que é submetido, o que vence e o que é vencido” (FOUCAULT, 1984, p. 190). Nesta posição de passividade, além das mulheres², o autor faz referência aos sujeitos escravizados que devido sua condição, “estão à disposição do senhor [...]”, são assim “objetos sexuais a respeito dos quais não há nada a questionar” (FOUCAULT, 1984, p. 190).

Mesmo que nesta obra Foucault (1984) se refira a uma época histórica muito anterior ao período colonial e de escravização dos povos africanos, esta relação se aproxima àquelas descrita por Angela Davis (2016):

Uma das características históricas marcantes do racismo sempre foi a concepção de que os homens brancos – especialmente aqueles com poder econômico – possuiriam um direito incontestável de acesso ao corpo das mulheres negras (DAVIS, 2016, p. 180).

Voltando-nos às relações raciais no contexto colonial, podemos introduzir aqui o conceito de Colonialidade. Tal conceito é versado por Aníbal Quijano em diversos trabalhos, como aponta Lugones (2014). O autor traz à discussão os conceitos de Colonialidade do Poder, do Saber e do Ser, todos tendo como ideia central a questão racial.

Quijano (2005, p. 126), assim como outros autores do pensamento crítico descolonial, nos introduz a construção de um “padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado”, o qual fomenta as relações de poder capazes de marginalizar conhecimentos e sujeitos que deste padrão não fazem parte, ou seja, aqueles e aquelas que estão fora dos parâmetros “homem/ heterossexual/ branco/ patriarcal/ cristão/ militar/ capitalista europeu” (GROSFOGUEL, 2008, p. 113).

² Foucault (1984) também traz nesta discussão a relação de sexo e amor dos homens de *status* superior pelos rapazes jovens, à qual não necessariamente iremos nos ater neste estudo.

A Colonialidade se faz assim uma remodelagem e atualização do Colonialismo na contemporaneidade. Lugones (2014), fazendo a crítica à Quijano, nos dirá que a

“colonialidad” no se refiere solamente a la clasificación racial. Es un fenómeno abarcador, ya que se trata de uno de los ejes del sistema de poder y, como tal, permea todo control del acceso sexual, la autoridad colectiva, el trabajo, la subjetividad/intersubjetividad y la producción del conocimiento desde el interior mismo de estas relaciones intersubjetivas. Para decirlo de otro modo, todo control del sexo, la subjetividad, la autoridad o el trabajo, están expresados en conexión con la colonialidad (LUGONES, 2014. p. 18).

Nessa perspectiva, Lugones (2014) nos apresenta o conceito de Colonialidade de Gênero, dizendo que a Colonialidade também permeia as relações de gênero e todo o controle ao acesso sexual, ao trabalho e demais dimensões. Além disso, o processo da Colonialidade produz na concepção de humanidade os binarismos: “superior e inferior, racional e irracional, primitivo y civilizado, tradicional y moderno” (LUGONES, 2014, p. 20). Sendo que, por “primitivo” podemos entender, em um contexto evolutivo, um estado de não-humano/não-humanidade.

A autora ainda denuncia a invisibilização das mulheres negras em determinados entendimentos de “raça” e “gênero” dentro do pensamento crítico moderno, pois “En la intersección entre ‘mujer’ y ‘negro’ hay una ausencia donde debería estar la mujer negra precisamente porque ni ‘mujer’ ni ‘negro’ la incluyen. La intersección nos muestra un vacío” (LUGONES, 2014, p. 22).

Ao pensarmos a sexualidade humana em seu entendimento “clássico” e histórico apresentado por Foucault (1988; 1984) observamos que, se a sexualização e o controle da sexualidade da mulher se refere a mulher branca burguesa, e a elaboração de uma moral ética da sexualidade pauta-se no homem branco livre, podemos nos perguntar: quem então é o humano nesta sexualidade humana? Se só muito depois a burguesia reconheceu um corpo e um sexo nas classes que explorava, que reconhecimento foi esse?

Ainda levando-se em consideração o recorte de gênero no conceito “clássico” da sexualidade e o vazio presente em determinadas questões, Freud (1969a, 1969b) corrobora com Foucault (1988), no que tange ao controle sexual da mulher branca. Inúmeras vezes, no início de sua teorização, Freud reforça a

natureza “obscura” e incompreensível acerca da sexualidade feminina, como nos trechos a seguir:

A importância desse fator da supervalorização sexual pode ser estudada em melhores condições no homem, cuja vida amorosa é a única a ter-se tornado acessível à investigação, enquanto a da mulher, em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discricção e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável (FREUD, 1969a, p. 11).

Sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, **a vida sexual das mulheres adultas é um ‘continente negro’ para a psicologia** (FREUD, 1969b, p. 132, grifo nosso).

Ainda que no texto original Freud (1926) utilize-se do termo “*dark continent*” (p. 55), peço licença para questionar retoricamente: se a vida sexual da mulher adulta branca compreendia um “continente negro” para este autor, qual então seria seu entendimento sobre a vida sexual de nós, homens e mulheres negras?

Fanon (2008) em parte nos auxilia nessa questão. Ele nos presenteia com uma reflexão psicanalítica acerca da constituição psíquica que fomenta as relações raciais. Contudo, por mais que o autor verse sobre a sexualidade tanto de homens negros e brancos, quanto das mulheres negras e brancas no contexto das relações inter-raciais, o mesmo conclui: “Admitindo que nossas conclusões sobre a psicosexualidade da mulher branca estejam corretas, poderiam nos perguntar que conclusões propomos para a mulher de cor. Não temos a mínima idéia” (FANON, 2008, p. 154).

Intrigada por este “vazio” no que tange ao entendimento da sexualidade “clássica” em respeito a nós, mulheres negras, que este estudo fora produzido. Não necessariamente com o intuito de preenchê-lo, mas sim em busca de fomentar esta discussão ainda incipiente a partir do pensamento crítico descolonial.

2 Co-labor: um movimento de pesquisar coletivamente

A perspectiva teórico-metodológica desse estudo parte do co-labor enquanto caminho para construção de uma investigação decolonizada (LEYVA; SPEED, 2008). Para tanto, as autoras problematizam a objetividade da ciência, a pretensa superioridade e imparcialidade do conhecimento científico que, por

sua vez, irão contribuir com a construção da distância hierárquica entre pesquisador/a e objeto de estudo.

Ao falar sobre a população indígena, Leyva e Speed (2008) se utilizam do conceito de Colonialidade do Saber para fazer a denúncia ao caráter explorador das investigações produzidas junto a essas populações, cujo objetivo é extrair informações “para producir libros que benefician sólo las carreras académicas y universitarias sin devolver nada o casi nada, a la comunidad” (p. 36). Fazem assim uma crítica à produção de conhecimento científico que se apresenta descomprometida com o fortalecimento das populações oprimidas e/ou com o enfraquecimento de tais opressões.

O método do co-labor busca, sobretudo, enfrentar este e outros problemas fundamentais na prática de pesquisa, como por exemplo, a carga do período colonial deixada nas ciências sociais³, assim como, a pretensão de superioridade do conhecimento acadêmico (LEYVA; SPEED, 2008).

Nessa perspectiva, concebemos um caminho de pesquisa que foi construído ao longo da caminhada e em co-laboração com integrantes do Núcleo de Estudo e Pesquisas É'lééko⁴, os quais se constituirão como participantes-colaboradores/as do estudo. Optamos pela companhia da coletividade e pela potência da multiplicidade de saberes e experiências das pessoas que integram o Núcleo; e apostamos na disposição e interesse das pessoas em nos acompanharem nessa caminhada. Assim, partimos do pressuposto que pesquisar não pode se tratar de penetrar ou invadir a experiência alheia para fins acadêmicos; exige um compromisso político e social com os sujeitos, grupos, comunidades enquanto protagonistas do processo de pesquisa.

O Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko está vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e possui como uma de suas temáticas centrais o Pensamento Crítico Descolonial. É formado, fundamentalmente, por estudantes de graduação e pós-graduação de diferentes cursos da UFPel; seus encontros são semanais, com cerca de duas horas de

³ Mas que também podemos estender às ciências da saúde e ciências humanas.

⁴ Inicialmente, no Projeto desta pesquisa, havíamos cogitado o Grupo Terapêutico Diz Aí – “Conversando sobre Raça, Gênero e Sexualidade” como local de execução. Contudo, percebemos que a produção da pesquisa neste espaço descaracterizava o objetivo inicial do Grupo Terapêutico, impossibilitando seu funcionamento pleno. Com isso, nos direcionamos ao Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko.

duração onde são apresentados e estudados diferentes temas com interface às relações raciais. Estamos inseridas no Núcleo, orientadora e orientanda deste estudo, desde seus primeiros encontros realizados no primeiro semestre de 2017. Um estudo, portanto, “desde dentro” (ALVES, 2012), desafiando-nos, mais uma vez, a produzirmos conhecimento acadêmico a partir de nossas experiências.

Por tratar-se, neste sentido, de um grupo do qual somos integrantes, nossa aproximação foi facilitada pela já convivência e integração entre as pessoas que compõem este estudo. Assim, após apresentação da proposta de pesquisa, seus objetivos e método, apresentamos aos/às integrantes do Núcleo É'lééko o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice), o qual após leitura foi assinado em duas vias, respeitando assim os aspectos éticos em pesquisa realizada com seres humanos, conforme Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016 (BRASIL. MS, 2016).

Com o intuito de preservar a identidade dos/as participantes-colaboradores/as, cada um deles/delas escolheu um pseudônimo, de modo que alguns/algumas indicaram apenas letras – TM, MT, AV, ML e BBD; e outros/outras indicaram nomes fictícios baseados em personalidades – Aguilar, Nola, Beatriz, Ifemelu, Clarice, Dandara, Santiago e Malcolm.

Vale ressaltar que este estudo faz parte de um projeto maior intitulado “A Violência do Inexistir: a construção de uma Clínica Política Decolonial”, do curso de Psicologia da UFPEL, o qual já fora aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMED/UFPEL em 21 de junho de 2017.

Para a produção do material empírico e do *corpus* de análise, realizamos três encontros, aqui denominados de rodas de co-labor, com os/as integrantes de Núcleo É'lééko, dedicados às discussões sobre sexualidade humana. As narrativas dos/as participantes-colaboradores/as foram gravadas em áudio e transcritas. Além das rodas de co-labor, também foi utilizado o diário de campo para registro de acontecimentos, sentimentos e percepções.

Ao longo das rodas de co-labor buscamos estabelecer uma relação dialógica para a construção colaborativa de todas as etapas do estudo, buscando avaliar conjuntamente se todos os/as participantes-colaboradores/as estavam confortáveis com as discussões e com as etapas a serem seguidas.

O percurso trilhado para a produção deste artigo, como já se pretendia, deu-se de forma coletiva. Seus resultados têm por base uma ampla discussão coletiva que apesar de, por vezes, tensa, “pesada”, “triste” e inquietante, também esteve repleta de momentos leves, de risadas, de compartilhamentos, de afetos e chimarrão⁵.

Na primeira e segunda rodas de co-labor, a pedido dos/as participantes-colaboradores/as, sugerimos algumas frases para darmos início ao nosso processo de reflexão. Assim, inicialmente, dialogamos a partir de narrativas da sessão de “Temas Privilegiados” do livro de Neusa Santos Souza (1983, p.61). Selecionamos ao todo dez narrativas do tema intitulado pela autora como “Representação de Si” (p. 61), subtítulos “Fantasias e Estereótipos Sexuais” (p. 62); “Representação do Corpo” (p. 63) e “O mulato: ser e não ser negro” (p. 64); e do tema “Das Estratégias de Ascensão” (p. 65), subtítulo “Não falar no assunto” (p. 66).

Durante as rodas de co-labor, as frases foram sendo sorteadas e, após a leitura para o coletivo, íamos refletindo e produzindo contribuições de cunho teórico/epistemológico e/ou vivencial. Ao final de duas rodas, debatemos sobre quatro frases ao total, três da temática “Fantasias e Estereótipos Sexuais” e uma referente ao tema “Não falar no assunto”.

Na terceira e última roda de co-labor, após a identificação de uma saturação nas discussões, oferecemos ao coletivo outros modos de expressão narrativa, de modo que fomos da palavra escrita, ao audiovisual. Abrimos nossas discussões com as palavras no papel, passamos então às palavras que acompanham a música/melodia e apresentação artística, mais precisamente no videoclipe da música “Braille” do rapper Rico Dalasam. Por fim, finalizamos com as palavras projetadas na tela, a partir de uma indagação feita pela ativista Winnie Bueno em sua rede social acerca da nomenclatura “lésbica”.

O uso de diferentes expressões narrativas deu-se em função da própria Neusa Souza (1983, p. 61) que ao coletar e transcrever seu *corpus* de análise afirmou que a escrita “transforma em letra morta a experiência pessoal, direta, libidinalmente viva”. Concordando com a autora, porém em um ciclo inverso,

⁵ Chimarrão: do Dicionário “infusão que se prepara com as folhas secas da erva-mate” (Dicionário Didático de Língua Portuguesa, 2011, p. 178). Tal prática tornou-se comum no Núcleo, expressa o acolhimento, ato de afeto e aproximação entre nós integrantes.

transformamos o escrito em vivência e experiência libidinalmente viva nos encontros de co-labor. Entretanto, ao produzir este texto, permanecemos com a difícil tarefa de não deixar nossas narrativas morrerem em vão.

A partir das rodas de co-labor e de nossos diálogos, da evocação de palavras escritas e das leituras realizadas em conjunto ou ao longo da vida, do compartilhamento de vivências e saberes, surgiram diversas temáticas e problematizações acerca da sexualidade, das relações raciais, da subjetividade, da prática terapêutica.

Para análise do material empírico, após a transcrição dos áudios, nós partimos da emergência de significados das narrativas produzidas durante as rodas de co-labor e ao longo das leituras das transcrições de cada encontro. Assim, o processo de análise foi organizado em quatro etapas: 1) leitura preliminar do *corpus* de análise e identificação de temas emergentes; 2) leitura minuciosa do *corpus* de análise para confirmação e emergência de novos temas; 3) identificação de relações de interdependência entre os temas e agrupamento desses em eixos temáticos; 4) identificação de narrativas significativas e construção de um quadro que buscou interligar as narrativas, os temas e os eixos temáticos; 5) discussão e problematização dos eixos temáticos.

Ao longo da primeira e segunda etapa, emergiram da relação entre pesquisadora e *corpus* de análise 16 temas, de modo que a busca pelas relações de interdependência entre eles resultou em 06 eixos temáticos: Fábulas Sexuais: Quem são os/as personagens que compõem essa história?; Fábulas Sexuais: Que corpos esses fragmentos ficcionais montam?; Fábulas Sexuais: Que meios difundem e propagam essas histórias?; Como a Colonialidade da Sexualidade se expressa nos relacionamentos inter-raciais?; Como ficam o Cuidado e a Escuta/Relação Terapêutica?; Expressões sexuais/afetivas: Afinal, é possível descolonizar a sexualidade?. Os quais serão apresentados a seguir.

3 Fábulas sexuais: Quem são os/as personagens que compõem essa história?

Se minha carne fosse vista diferente

Se seu olhar fosse mais inocente

Se eu não tivesse que ser forte

Nem dependesse da sorte
Se antes do diabo que me pintam por ser o que sou
Ou da deusa que cultivam pelo mesmo motivo
Se eu fosse pessoa, PESSOA antes de mulata
E se eu não tivesse que falar na lata?
E se eu não tivesse que gritar?
Ainda ia ter graça me ver sangrar?
E se eu quisesse me vingar?
Ou cês acha que nós não lembrava
Do estupro, da escrava
Que cês ainda comemoram a ação
Porque o resultado: A linda miscigenação (...)
Se não vai pra prisão, pode ir pro valão
Taxada de puta na televisão
Pra nós ninguém reserva oração
Tudo preto, sem bandeira branca na trama
Cê já sentiu negra drama?
Ou tu só respeita se for da família?
Pede bênção pra mãe e não assume a filha
É que cês não gosta de mulher, cês gosta é de buceta.
De preferência branca, mas com bunda de preta
Até serve comer mulata, mas se for a que te acata
E os mano sempre diz que são todo errado, e aí quer pagar de aliado, mas cês tem
que entender nosso lado, nós não atura papo de mandado
Porque o papo não faz curva, aqui o papo é reto
Cê vai se arrepender de me fazer de objeto
Eu não tô aqui pra fazer seu membro ficar ereto
Não se esqueça, aqui é muita treta
Se teu pau é Ku Klux Klan, minha buceta é Pantera Negra (...)
(Gabrielly Nunes, 2017)

Nos versos acima, é possível compreender um pouco da complexidade que é crescer e se entender como mulher negra no Brasil. Porém, antes de adentrar neste debate, consideramos importante discutir as criações ou criaturas que fomentam esta realidade: os conceitos de “raça”, “efabulações”, “estereótipos” e “fetiche”.

Mbembe (2017) disserta sobre a construção histórico-social do conceito de “raça” (p. 26) e da atribuição do “substantivo Negro” (p. 52). Esta construção,

para este autor, está pautada por “processos de efabulação”, ou seja, “apresentar como reais, certos ou exactos, factos muitas vezes inventados” (p.30). Logo, o conceito de raça “não passa de uma ficção útil, de uma construção fantasista ou de uma projecção ideológica [...]” (p. 27) inventada e repetida ao longo dos séculos.

De forma complementar, Mbembe (2017, p. 57) ainda introduz a conceituação da “Razão negra”, que em um aspecto pode ser entendida como a “consciência ocidental do Negro” (p. 58), pois a mesma

[...] designa tanto um conjunto de discursos como de práticas - um trabalho quotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e pôr em circulação fórmulas, textos, rituais, com o objectivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática (MBEMBE, 2017. p. 58).

Um conceito que se assemelha às “efabulações” citadas por Mbembe (2017) é o de “estereótipo” proposto por Stuart Hall (1997, p. 257) para instrumentalizar a produção da diferença. Hall (1997) define o estereótipo como uma prática representacional e/ou de produção de significados que utiliza-se de um conjunto de características sobre determinada pessoa, “reduzem-na a estes traços, os quais são exagerados, simplificados e fixados sem possibilidade de mudança [...]” (HALL, 1997, p. 258). Neste sentido, o autor afirma que a estereotipização “reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (HALL, 1997, p. 258)⁶.

Além disso, o estereótipo funciona como um sistema de classificação que divide e produz exclusão, pois “simbolicamente fixa fronteiras, e exclui tudo aquilo que não pertence” (HALL, 1997, p. 258)⁷. A estereotipização baseia-se, ainda, em uma estrutura binária/dicotômica, produzindo assim a divisão entre “Nós” e os “Outros” (p. 258), ao passo que também acontece de forma ambivalente e em situações onde há marcante inequidade nas relações de poder (HALL, 1997, p. 258).

⁶ No original: Stereotypes get hold of the few ‘simple, vivid, memorable, easily grasped and widely recognized’ characteristics about a person, reduce everything about the person to those traits, exaggerate and simplify them, and fix them without change or development to eternity. [...] stereotyping reduces, essentializes, naturalizes and fixes ‘difference’ (HALL, 1997. p. 258).

⁷ No original: It symbolically fixes boundaries, and excludes everything which does not belong.

Para este autor, o conceito de “fetiche” (HALL, 1997, p. 267) ilustra tal discussão na dimensão sexual relacionando assim fantasia e projeção, desejo e repúdio. Este conceito também se configura uma prática representacional e basicamente significa transformar em objeto/objetificar, poderia se dizer como a redução da redução (HALL, 1997).

Gonzalez (1988) nos fala sobre a objetificação do corpo da mulher negra utilizando-se da argumentação de Freud acerca do objeto parcial a partir do contexto brasileiro. Nos textos de 1983 e 1988, a autora explana sobre a constituição político-cultural do Brasil, retratando o racismo estrutural em nossa sociedade, o mito da democracia racial e o que ela chamou de “pretuguês” (GONZALEZ, 1983, p 238), o que pode ser entendido como as marcas africanas e/ou a africanização da língua portuguesa falada no Brasil (GONZALEZ, 1988).

No que tange a discussão do objeto sexual e da mulher negra, a autora irá dizer que

[...] é importante ressaltar que o objeto parcial por excelência da cultura brasileira é a bunda (esse termo provém do quimbundo que, por sua vez, e juntamente com o ambundo, provém de um tronco linguístico bantu que "casualmente" se chama bunda) (GONZALEZ, 1983, p 238).

Gonzalez (1983) ainda complementa nos dizendo que: “De repente bunda é língua, é linguagem, é sentido e é coisa” (p. 238). No texto de 1988, a autora ressalta a presença da bunda na literatura e fantasias sexuais brasileiras, além do uso do biquíni “fio dental”, o qual para ela tem como objetivo evidenciar este objeto parcial (GONZALEZ, 1988).

Beatriz, integrante do Núcleo de Estudos É'lééko, lembra-nos sobre um dos efeitos da objetificação: “Lembra um pouco de objetificação também, tanto do homem negro quanto da mulher, de tirar a humanidade e ver só como símbolo sexual e nada mais que isso” (BEATRIZ, 2019).

Nesta perspectiva de não-humanidade, o homem negro também é transformado em objeto sexual. Malcolm e Santiago contribuem a partir de suas vivências enquanto homens negros no que tange ao olhar da mulher branca calcado pela fetichização direcionado aos seus corpos:

Até, é engraçado, porque eu também faço a leitura a partir da minha experiência, e aí isso tem relação com a discussão da masculinidade negra e o quanto ela é tóxica e recheada de fetichismo. E qual foi o momento que eu parei de ser enxergado como um nada e passei a ser

enxergado como um objeto sexual, quando isso muda na tua vida e quanto isso influencia para as tuas relações com as outras pessoas, principalmente com mulheres brancas, o quanto tu percebes os olhares diferenciados. E é engraçado, porque tá talhado a tua vivência então tu percebe que de um certo momento tu não é nada, tu é completamente apagado, invisibilizado, a pessoa não nota a tua presença e aí passa para um olhar carregado de fetichismo. [...] Não dá pra generalizar, mas na maioria das vezes é muito. Também, depois de ler bastante coisa, depois de ter uma compreensão maior tanto da minha sexualidade quanto do mundo e a idade também, hoje, por exemplo, eu tenho uma percepção diferente do que eu tinha há três anos atrás. Então, perceber o quanto é carregado de fetichismo, todas as relações, isso não só relações sexuais, relações de amizade, relações de trabalho. Tudo tá carregado de fetichismo. [...] E mais louco que na minha experiência esse ser sexual tá ligado ao ser estereótipo criminal, então a partir do momento que eu passei a ser visto de uma forma exótica sexual eu também passei a ser visto como uma possível ameaça em qualquer espaço. Aí tu ficas com aqueles olhares ou de ameaça ou exótico sexual ali, tu ficas tentando entender o que que é que a pessoa tá pensando no momento (MALCOLM, 2019).

Tu nunca sabe se ela tá flertando com você ou se ela tá com medo de você (SANTIAGO, 2019).

Malcolm e Santiago explicitam o fetiche sobre o corpo do homem negro. Em determinado momento de sua vida, Malcolm passa de um “nada”, um ser invisível para então ser visto como um objeto sexual. A percepção deste olhar sobre o seu corpo se deu após um período de amadurecimento e crescimento intelectual, com isso, ele também afirma a presença do fetiche e objetificação nas demais relações interpessoais. Além de também estar atrelado a visão do sujeito negro como perigo e ameaça criminal.

Fanon (2008, p. 146) salienta que quando a percepção do homem negro está baseada nesta construção estereotipada, observa-se que “não mais se percebe o preto, mas um membro: o negro foi eclipsado. Virado membro. Ele é pênis”. No que tange à ameaça criminal, o “medo racial, em particular, foi desde sempre um dos pilares da cultura do medo intrínseca à democracia liberal” (MBEMBE, 2017, p. 144). E, deste modo, produz-se não só o homem negro como objeto sexual, mas também como objeto amedrontador.

A Colonialidade reserva para nós, pessoas negras, o lugar de não-humanidade, por conseguinte, somos coisa, somos objeto. Fazendo relação com a sexualidade, com o conceito de fetiche, por exemplo, nossa existência como pessoa, como refere Hall (1997, p. 266) torna-se fragmentada em partes “relevantes”. A mulher negra é bunda, o homem negro é pênis. O “fio dental” visa evidenciar a bunda. Mas se bunda também é língua, como afirma Gonzalez

(1988), língua como em linguagem, podemos fazer este caminho até a boca e sobre esta outra parte do corpo, por sua vez, Grada Kilomba (2010) diz algumas palavras.

Kilomba (2010, p.16) argumenta que a boca simboliza o ato de falar e enunciar-se e que, em um contexto racista “torna-se o órgão da opressão por excelência” – já que “representa o órgão que os(as) brancos(as) querem – e precisam – controlar”. A autora faz referência inclusive ao uso da mordança como instrumento de tortura e coerção no período escravocrata, tal qual uma “máscara do silenciamento”.

Esta mesma autora nos ajuda a entender o contexto em que esta sexualização e fetichização de pessoas negras é produzido, ela nos dirá que

(...) no mundo conceitual branco, o sujeito Negro é identificado como o objeto *'ruim'*, incorporando os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, isto é, agressividade e sexualidade (KILOMBA, 2010, p. 18-19).

A partir da noção de Colonialidade da Sexualidade, produzida neste estudo, a imagem que nos salta é a de nosso corpo estilhaçado. O processo de nomeação deste corpo como “Negro” parte de uma “enorme ganga de disparates, de mentiras e de alucinações” (MBEMBE, 2017, p. 77). Podemos associar esta ganga às efabulações e aos estereótipos acerca de uma sexualidade falaciosa, uma “*casca calcificada*” (MBEMBE, 2017, p. 77) que promove, por sua vez, uma sexualidade exacerbada nas pessoas envolvidas por ela.

Fomos transformados em partes, porções, órgãos, os quais podem ser tanto evidenciados, quanto silenciados, dependendo da versão que melhor sustenta esta fantasiosa “*carcaça* – o que sobeja do corpo depois de ter sido esquartejado ou descarnado” (MBEMBE, 2017, p. 77). É nesta perspectiva que propomos o conceito de Colonialidade da Sexualidade, ou seja, um modo de produzir o corpo e a sexualidade por meio de um conjunto de fábulas que se perpetuam enquanto verdades.

3.1 Fábulas Sexuais: Que corpos esses fragmentos ficcionais montam?

O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar

Sou mulher, sou preta, essa é minha treta
Me deram um palco e eu vou cantar
Canto pela tia que é silenciada
Dizem que só a pia é seu lugar
Pela mina que é de quebrada
Que é violentada e não pode estudar
Canto pela preta objetificada
Gostosa, sarada, que tem que sambar
(Bia Ferreira, 2018)

“Tia silenciada”, “mina de quebrada”, “preta objetificada” são alguns eufemismos dos invólucros criados por esta fragmentação do corpo da mulher negra. Levando em consideração que estas fábulas contadas e recontadas sobre nossos corpos negros obtém como resultado uma construção ontológica cuja função está em “substituir-se” ao nosso “ser, vida, trabalho e linguagem” (MBEMBE, 2017, p. 77). Podemos então, nos perguntar: se na Colonialidade da Sexualidade nossos corpos negros são compostos de fragmentos, que corpos estes fragmentos remontam e qual as suas particularidades? ML apresenta sua compreensão:

Acho que a mulher negra ainda tem duas faces, pelo menos na minha visão, a mulher negra mulata clara é essa tipo exportação e toda aquela fetichização sexual e a mulher negra mais preta é a subalterna, né? Para os serviços domésticos, para limpeza. Acho que tem essa distinção entre as mulheres (ML, 2019).

Gonzalez (1983) também assevera os estereótipos fomentados pelo racismo e sexismo no cenário brasileiro na década de 80, muitos dos quais persistem até os dias de hoje, em relação às mulheres negras. A mulher negra, por exemplo, “naturalmente” é entendida como “cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta” (GONZALEZ, 1983, p. 226). São aspectos naturalizados que giram em torno de três grandes estereótipos: a mulata, a doméstica/mucama e a mãe-preta. A mulata representa um estereótipo sexual, enquanto a mucama/doméstica é a figura da mulher negra em posição serviçal, e a mãe-preta fomenta a imagem da ama-de-leite, da mãe que cuida (GONZALEZ, 1983).

Relacionando a discussão de Gonzalez (1983) com a de Hall (1997) acerca do conceito de fetiche, Nola afirma

Acho que se assemelha a mulher negra no sentido de fascínio/repulsa. Tipo, no sentido de se é, por exemplo, uma mulher negra que é empregada doméstica tu tende a sentir repulsa, se ela é hipersexualizada é esse fascínio. Tipo, “ah, só a mulher negra sabe sambar!”. É nesse sentido, eu acho (NOLA, 2019).

São muitos os desdobramentos do racismo para/com as mulheres negras. Malcolm nos ajuda a entender estes desdobramentos: “o efeito do racismo, ele é um monstro com diversos tentáculos, um tentáculo em cada especificidade, [...] todo mundo vai tá atingido e cada um com uma especificidade diferente” (MALCOLM, 2019). Ainda dentro desta questão, Malcolm explicita um dos efeitos no processo de sexualização e objetificação sexual do corpo da mulher negra, o qual pode diferenciar-se entre estas mulheres conforme o tom de sua pele:

[...] influencia nessa fetichização da mulher negra que as mulheres negras mais retintas elas tem uma iniciação sexual na maioria das vezes mais tardia porque esse processo de né, de se tornar uma mulher ou, vamos dizer assim, um foco sexual dos homens é muito depois, porque inicialmente ela é só, é como se fosse um homem negro. E aí o “Não sou eu uma mulher?”, porque inicialmente não. Eu percebi isso com pessoas próximas assim, o quanto... com parentes né, majoritariamente a gente tem esse tipo de conversa... o quanto mulheres negras mais claras sofrem processo de sexualização e de ter uma vida atrativa pro outro sexo muito antes do que mulheres negras mais escuras (MALCOLM, 2019).

No entanto, as peculiaridades não estão somente no que se refere ao tom de pele, mas também no formato, ou na estética em que se encontra este corpo. Entre nossas discussões foi afirmado que o homem negro gordo e a mulher negra gorda podem ter atribuído à sua imagem uma não-credibilidade, ou ainda um caráter cômico:

Eu fiquei pensando, há um tempo atrás eu li um texto de um homem negro que é gordo e ele fala como é muito diferente um homem negro que é magro, musculoso e aí a hipersexualização, e o homem gordo fica nesse lugar do engraçado. E fiquei pensando: o lugar da mulher negra também, tipo a que é mais retinta, gorda, ela é a Tia Anastácia, que acho que a Lélia fala [sobre o assunto] (CLARICE, 2019).

Uma vez eu fui analisar de fato qual era o trabalho dela [Falando sobre a artista Jojo Toddyinho] e o que que as pessoas viam nela. E era muito essa coisa do humor. É um deboche. E se tu for olhar, ela canta, mas ela não canta mal, e ninguém fala disso. [...] Ela ascendeu na mídia por conta de que é engraçada e as coisas que ela tenta falar com verdade

as pessoas acham graça, não levam nem em consideração (IFEMELU, 2019).

Além de não fazermos parte do padrão “homem/ heterossexual/ branco/ patriarcal/ cristão/ militar/ capitalista europeu” (GROSFOGUEL, 2008, p. 113) produzido pela modernidade/colonialidade, nós mulheres negras também sofremos diferentes impactos em relação a vivência de nossa sexualidade conforme a forma/estética e tonalidade de nosso corpo.

Pensando a Colonialidade da Sexualidade, podemos entendê-la não só como uma fragmentação do corpo, mas também como uma remontagem fictícia de múltiplos corpos cuja feição influencia na atribuição do estereótipo e/ou fetiche. Trago a essa afirmação o exemplo de minha vivência na fase inicial da adolescência. Sendo mulher negra de pele clara, caberia a mim o estereótipo da hipersexualização, da “mulata” tipo exportação. Contudo, meu corpo também era um corpo negro gordo, fora do padrão estético dominante, assim, a hipersexualização dá espaço à não-credibilidade, à comicidade e mais uma vez a lógica de não-humanidade prevalece.

3.2 Fábulas sexuais: Que meios difundem e propagam essas histórias?

Me escuta quem cê acha que é ladrão e puta
Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo?
Me escuta quem cê acha que é ladrão e prostituta
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?
Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?
Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela gritando: Cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
Eu sou a porra do Mississippi em chama
Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama
Racista filha da puta, aqui ninguém te ama
Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah
(Baco Exu do Blues, 2018)

Mbembe (2017) ao falar sobre a propagação do “substantivo Negro”, a consolidação do imaginário acerca de “África” e a introjeção do projeto colonial para o povo francês, descreve todo um processo de instauração do discurso

racista na França, apresentando assim o importante papel de contribuições da ciência, da arte, da propaganda à época, da literatura, dentre outras ferramentas. O autor afirma que à época

o tema da diferença racial normaliza-se na cultura de massas através do estabelecimento de instituições como museus e jardins zoológicos de humanos, publicidade, literatura, artes, constituição de arquivos, disseminação de narrativas fantásticas reportadas pela imprensa popular [...] e realização de exposições internacionais (MBEMBE, 2017, p. 114)

O uso destes dispositivos baseava-se no intuito de que paulatinamente “o francês comum fosse levado, por vezes sem se aperceber, a tornar-se um indivíduo racista, tanto no seu olhar, gestos e comportamentos como discurso” (MBEMBE, 2017, p. 113).

Levando em consideração o que Malcolm nos diz sobre como “é importante lembrar do quanto a mídia tem um papel fundamental para formar a opinião pública de um país” (MALCOLM, 2019), explicitamos o debate sobre a mídia hegemônica e sua relevância na produção, reprodução e propagação dos estereótipos sexuais, tanto direta quanto indiretamente:

[...] E essa fetichização também é super construída pela mídia. Nesse final de semana eu estava vendo um clipe da Madonna, desses cliques novos dela, dos últimos anos, tipo 2016/2015, [...] em uma cena de tourada e o touro ele é um homem negro e depois nas apresentações dela, dessa tour, uns homens negros, vários touros eram homens negros e que tinham uma [...] bem animaiscos assim, de fazer como se fosse um touro mesmo, com chifres e tudo mais. E aí até comentei onde eu estava: “Nossa, olha isso!”. E aí falaram assim: “Ah, é que esse aí era o namorado dela na época, ela quis mostrar ele.” Aí eu: “Não mas tem toda uma construção em cima disso, né” (AGUILAR, 2019).

[...] Também dá para pensar nisso, tipo, no quanto é naturalizado. [...] Te colocam em dois lugares: ou da hipersexualização ou do objeto. E, às vezes, se interligam na realidade, enquanto tu é objeto tu é hipersexualizada. Se a gente parar para pensar em quantas, sei lá, quantas obras ficcionais tratam [...] principalmente, do contexto do cinema brasileiro, assim, como tratam a mulher, a televisão brasileira em si. Por exemplo, a empregada, o filho do patrão assedia ela, então, além de hipersexualizada ela é um objeto de trabalho. Eles transformam essas duas figuras numa pessoa só, para ser aceito na televisão (NOLA, 2019).

Fanon (2008) também cita personagens ficcionais, obras e passagens literárias para montar sua elaboração acerca de como o racismo age na estrutura psíquica das pessoas negras, bem como denuncia a estereotipização do homem negro na literatura e publicidade. Nas rodas de co-labor, argumentamos que um

dos possíveis efeitos que pode estar atrelado a essa naturalização em massa do racismo é a interiorização do discurso racista pelas pessoas negras.

Mbembe (2017, p. 88) explana sobre essa interiorização. Para este autor o “substantivo Negro” preenche “as funções de atribuição, de interiorização e de subversão”. O “substantivo Negro” primeiramente atribui à negros e negras uma outra humanidade, marcada pela diferença. A interiorização, por sua vez, acontece quando estes sujeitos passam a habitar o lugar da diferença criado para si. Por fim, a subversão faz-se a transformação consciente deste “símbolo de abjeção num símbolo de beleza e orgulho” (MBEMBE, 2017, p. 88).

Ao interiorizar o discurso criado para marcar a diferença, tomando-o como próprio, assumimos um lugar de não-humanidade, de inferioridade. Fanon (2008, p34) afirma que em todo povo que passa pelo processo de colonização nasce um “complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural”. Um dos fatores principais para que esse Complexo ocorra é por meio da “interiorização, ou melhor, pela epidermização dessa inferioridade” (p. 28). Esta interiorização aparece de várias formas no que tange aos estereótipos sexuais, que além de fomentados pela mídia, são resguardados por outros discursos como o sexista/machista.

Parece que o homem [negro] assume valorativamente bem o objeto que deram para ele. Assim como a mulher, ele se entende a partir do lugar subalterno que fizeram da gente [...] E aí até, no livro da Neusa Souza Santos fala sobre isso, o quanto as pessoas buscam esse lugar social criado para o negro. Meio que tu não consegue ultrapassar isso, por exemplo, tu não pode ser detentor de conhecimento, tu não pode ser detentor de uma família, de afeto, somente o afeto sexual, animal, como o Aquille fala. Acho que é isso. [...] O quanto a gente assume os papéis que foram criados. É tipo o álbum do Djonga, todo mundo chama “preto é ladrão”, então eu sou ladrão, as pessoas chamam as mulheres negras de potencialmente mais transantes, então eu sou isso mesmo. A gente assume o lugar subalterno que é criado pra gente e aí, até que ponto isso é emancipatório? (MALCOLM, 2019).

Tanto Fanon (2008) quanto Neusa Souza (1983) falam sobre a busca das pessoas negras por se embranquecer ao interiorizar em si o discurso racista. Nas palavras de Neusa Souza (1983):

Passaram por nossos olhos, ouvidos e pele, fragmentos de discursos, colhidos das histórias-de-vida dos nossos entrevistados, onde ouvimos falar o negro enquanto sujeito que introjeta, assimila e reproduz, como sendo seu, o discurso branco. O discurso e os interesses. Tal façanha – a hegemonia dos interesses dominantes – é viabilizada pela eficácia

dos mecanismos ideológicos cuja garantia, à nível psíquico, é assegurada por certas articulações estruturais e transações psicodinâmicas que cumpre elucidar. Assim é que se impõe o exame de dois conceitos fundamentais – Narcisismo e Ideal do Ego – forças estruturantes do psiquismo que desempenham um papel chave na produção do negro enquanto sujeito – sujeitoado, identificado e assimilado ao branco (SOUZA, 1983, p. 32).

Observamos aqui o entendimento da construção psíquica das pessoas negras por meio de um Complexo de Inferioridade e de um Ideal de Ego branco. Para ilustrar esta questão, levamos em consideração pessoas que não só assumem o lugar criado para si, mas também vangloriam-se e/ou entendem sua sexualidade a partir dos estereótipos sexuais também criados pelo discurso racista:

Ela tem uma autoestima criada em cima da negação do corpo negro. E essa autoestima ela é extremamente frágil, no momento que ela se ligar que “opa, não é assim que funcionam as coisas”, acabou toda a construção subjetiva que ela desenvolveu durante toda a vida (MALCOLM, 2019).

E isso eu vejo no âmbito profissional dessas meninas negras, as que conseguem um cargo em algum lugar. Porque “ai, eu fui escolhida!”. Que nem uma conhecida aqui em Pelotas pra mim: “ah, eu consegui na [referindo-se a uma Concessionária], não sei o que, e olha que tinha várias meninas loiras lá e tal, e eu consegui!”. E eu fiquei olhando pra ela [...]. Ela falando de um jeito, tipo eu, sei lá, “repararam que eu era mais gostosa” (IFEMELU, 2019).

É que os papéis sociais não se alteram, né? A pessoa cria uma estima criada em cima da negação dela. Então, “ah, eu sou pior do que as outras pessoas mas, naquele momento, por determinado fato, que é a minha sexualidade e só, eu fui tida como melhor pelo grupo dominante, que são os homens brancos que escolhem quem são as mulheres melhores”. Ou seja, é um desserviço completo, um desserviço total para a autoestima da pessoal (MALCOLM, 2019).

[...] O quanto isso contribui para rivalidade feminina [...]. De pensar que a mulher negra ela vai se colocar no lugar do sexual e a partir disso ela vai fundar isso como sendo uma característica essencial para ela poder interferir em outros relacionamentos ou mesmo estando em segundo plano: “ah, ele tem a outra branca lá mas na hora de transar ou de ter uma relação eu sei que sou eu”. Sabe? Esse lugar. Isso contribui para a rivalidade feminina também (NOLA, 2019).

Percebemos como a Colonialidade da Sexualidade influencia na expressão da sexualidade das pessoas negras, assumindo papéis e discursos com base em estereótipos e efabulações acerca de seu próprio corpo e sexualidade. Logo, além da interiorização do discurso, como caracteriza Mbembe (2017), Fanon (2008) e Neusa Souza (1983), há uma certa subversão, como aponta Mbembe (2017), porém, esta subversão faz-se na afirmação das

inverdades criadas sobre a sexualidade de homens e mulheres negras. Neste sentido, reforço a pergunta de Malcolm: até que ponto isso nos é emancipatório?

4 Como a Colonialidade da Sexualidade se expressa nos Relacionamentos Inter-raciais?

Caro menino branco
Esse nosso encontro pede a lucidez
De saber o lugar que me encontro
E você, por sua vez
Se é pra andar ao meu lado, saiba que
Alguém foi senhor
Alguém foi escravo
E, entre nós, esse espaço
Pede alguns passos
(Rico Dalasam, 2019)

O livro de Neusa Souza (1983) traz diversos relatos de pessoas que estiveram ou estavam em um relacionamento inter-racial, partindo sempre de uma perspectiva heterossexual. A inter-racialidade nas relações desprende-nos diversas questões, como já colocara Fanon (2008, p. 81), já que um de seus objetivos era “tornar possível um encontro saudável entre o negro e o branco”. Algumas constatações nas rodas de co-labor foram a presença marcante do Complexo de Inferioridade na pessoa negra que se encontra em uma relação inter-racial, bem como os desdobramentos acerca do fetiche ou objetificação sexual do corpo negro:

É complicado que isso acontece sem as pessoas perceberem, na maioria dos relacionamentos inter-raciais. Sempre o caráter subalterno que a pessoa negra carrega formulado na cabeça dela, desde que ela se criou, sempre vai fazer que ela se sinta um grau abaixo da pessoa branca, na maioria das vezes. [...] É, eu percebo que não foge muito, é sempre uma fetichização do corpo negro, ele sendo homem ou mulher, e uma subalternização psicológica que tá ligada a própria pessoa negra. [...] Não necessariamente a pessoa branca vai ter atitudes que façam com que a pessoa negra se sinta subalterna a ela, isso é uma construção histórico-política. Tá dado. As pessoas tem um senso de subalternidade como já dizia Fanon (MALCOLM, 2019).

Corroborando tanto com Fanon (2008) quanto com Neusa Souza (1983, p. 27, grifo nosso) quando esta última afirma que “o irracional, o **feio**, o sujo, o

sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas do mito negro”. A narrativa a seguir apresenta como essa lógica beleza-branca/feiura-negra expressa-se nas relações inter-raciais, aqui em se tratando de uma relação homoafetiva:

Me fez pensar numa coisa, numa situação, porque, ela fala sobre “branco de olhos azuis”, e o estereótipo de beleza que a gente pensa, às vezes, a pessoa é só branca. E eu penso isso agora. Eu namorava com uma menina branca há 8 anos, sei lá, faz tempo. E aí um dia a gente estava num lugar, acho que num salão de beleza, e aí tinha uma menina negra também. E [...] eu lembro dela ter falado que a minha namorada era muito bonita pra mim. E ela [quem disse] era uma pessoa negra também. Agora eu penso nessa situação e fico assim [pensando] a minha namorada é só branca. [...] Me lembrei disso, desse lugar que a gente coloca pessoas brancas [...]. E como a gente se enxerga a partir daí, se ela é o topo do padrão de beleza quem eu sou dentro desse padrão? (NOLA, 2019).

A Colonialidade da Sexualidade também está presente nos relacionamentos inter-raciais, inclusive com uma ideia de “padrão ideal de beleza” ou Ideal de Ego, tal qual o Ideal de Ego branco como refere Souza (1983). O relato de Malcolm a seguir faz-nos refletir sobre a hierarquia social estabelecida pela Colonialidade, bem como de que forma esta hierarquia se dá nas relações inter-raciais e acima de tudo, o que acontece quando os estereótipos sexuais provam-se como uma fábula:

Porque quando a mulher branca [pausa], isso aconteceu, na graduação eu me relacionei com uma ou duas mulheres brancas, e quando elas percebiam que tu não era unicamente um falo, tu detinha conhecimento e podia refutar coisas que elas diziam, estava no mesmo nível de conhecimento, aí a parte do falo vai pra segundo plano e tu passa a ser uma ameaça a brancura dela. Porque a partir do momento que tu tem conhecimento, ela não é mais superior naquele espaço, entende? Porque para a mulher branca, o homem branco é superior, por conta do machismo, e o homem negro não é superior, por conta do racismo. Então, dentro da escala hierárquica social seria a mulher negra, o homem negro, a mulher branca e o homem branco. E aí a mulher se relaciona entendendo que ela vai só se utilizar única e exclusivamente dos atributos sexuais do homem negro, nada mais. E aí quando ela percebe que não são só atributos sexuais, que existem outros atributos que assemelham o homem negro ao homem branco, aí naquela relação inter-racial, que ela se funda na desigualdade entre as pessoas, se funda em a mulher ser superior ao homem, esse papel na cabeça da mulher fica confuso e aí tu passa a ser uma ameaça ao lugar social dela. [...] E aí gera a repulsa. [...] Tu é considerado um não-ser, então a partir do momento que tu demonstra que tu não é só o símbolo sexual, aí tu meio que cria uma incógnita na cabeça da pessoa e ela fica tentando entender

assim, “é outra coisa?”, “o que que é?” e aí quanto entende é, como dizer, a exceção (MALCOLM, 2019).

Parece que quebra o encanto, a imagem que as pessoas tem. (SANTIAGO, 2019)

É. Aí é exótico. Até tudo, até a inteligência que a pessoa tem também é exótica (MALCOLM, 2019).

Aqui é possível retomar as figuras representacionais do mito negro apontadas por Neusa Souza (1983) e a construção da fetichização do homem negro já associada a Fanon (2008). Apesar de Fanon (2008, p. 82) afirmar enfaticamente que “De modo algum minha cor deve ser percebida como uma tara”, espera-se do homem negro a potência sexual e a irracionalidade, exclusivamente. Quando existe a quebra/ruptura da efabulação, há um processo de reconfiguração psíquica da pessoa branca na qual o discurso racista já fora paulatinamente introjetado, como já argumentou Mbembe (2017). Porém, acontece que a Colonialidade da Sexualidade se mostra então inculcada e de difícil desmantelamento, pois logo após a ruptura de um estereótipo, o sujeito negro é rapidamente sujeitado à outro: o de ser exótico.

5 Como ficam o Cuidado e a Escuta/Relação Terapêutica?

ANTIRRACISTA

“Anti” é contrário

Contra, oposto, oposição

Anti é luta, é vontade de viver e

Ecoar sempre que possível: #EleNão!

“Racista” é quem não vê

É quem trata (a) gente como gado

É quem violenta e ainda assim

é proclamado.

O “R”

não por acaso adicionado

Representa a (r)aiva

de quem sofre ou de quem na rua

é agredido ou insultado

De quem mesmo cansado

faz da raiva energia, calor,

afeto, arte e até fogo

Ser antirracista é lutar

Sabendo o gosto da derrota

E de novo
Seguir adiante
O “R” pode ser retirado de militar
Pois ser antirracista
também é ser militante.
(Tatiane da Costa, 2019)

Tendo em vista que o Núcleo de Estudos e Pesquisas É'lééko possui uma maioria de estudantes do Curso de Psicologia, em nossas discussões acerca da sexualidade e das relações raciais, também pensamos sobre o nosso papel enquanto futuros profissionais da Psicologia. Principalmente no que tange a qualificação de nossa escuta para/com as relações raciais e o acolhimento ao sofrimento ocasionado pelo racismo. Esta discussão está também presente na Resolução 018/2002 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2002), a qual aponta princípios éticos e orienta profissionais em Psicologia para uma atuação antirracista. Atuação que remete aos apontamentos a seguir:

E tudo que a gente discute aqui e a partir da minha leitura enquanto um homem branco, homossexual, mas um homem branco ainda assim, faz eu [...] ter os sentidos mais aguçados para manejar isso na clínica, né? Do que, simplesmente encaixar essa pessoa numa estrutura, em determinado conceito clássico de psicologia [...] e violentar ela de novo, simbolicamente (AGUILAR, 2019).

Eu fiquei pensando também na responsabilidade que a gente tem enquanto psicóloga de escutar isso na clínica. Um discurso desses, e pensar como que isso se reflete de várias formas na vida de uma pessoa negra, de uma mulher negra. E a partir de várias coisas isso vai aparecer. E como que diferencia tu ter esse olhar, esse olhar sensível a essa questão racial (MT, 2019).

Acho que esse processo da clínica [...] tão importante quanto é acolher é validar esse sofrimento. Porque às vezes tu tá ouvindo e não ouve. Na verdade tu ouve, mas tu não escuta. Acho que acolher isso e validar é bem importante no nosso processo (ML, 2019).

Dentre estes e outros depoimentos quanto ao manejo clínico no que tange as relações raciais, Aguilar reforça a importância de refletirmos sobre o conceito de empatia, muitas vezes negligenciado.

Isso me lembra muito a questão da empatia. Que comumente a gente atribui a “sentir no lugar do outro” sendo que existe uma impossibilidade de se sentir no lugar do outro. Ah, eu enquanto homem branco se sentir no lugar de uma mulher negra, não vou conseguir, existe uma impossibilidade. Aí eu gosto muito de uma subversão, assim, nisso de empatia que a [faz referência a uma Professora] estava falando sobre, a subversão que um psicanalista faz, ele é um psicanalista que sempre

fala para o lado social, é um psicólogo social, falando que empatia seria sentir com o outro, né, estar junto. Acho que na clínica a gente pode tentar atuar assim dessa forma, “tamo junto”, estou junto contigo aqui nesse processo de ressignificação, enfim. Revisitar esse sofrimento aqui nesse espaço agora clínico, de estar junto (AGUILAR, 2019).

Fanon (2008, p. 44) nos auxilia a aprofundar a teorização sobre o papel da Psicologia e dos/as profissionais nesta área no que tange ao sofrimento ocasionado pelo racismo. Sendo nosso papel, segundo este autor, o de “ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial”. Além disso, Fanon (2008) acredita que

Enquanto psicanalista, devo ajudar meu cliente a *conscientizar* seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais (FANON, 2008, p. 95).

Tal princípio norteador, ainda que pensado para a prática em Psicanálise, pode de tal maneira ser compreendido como uma postura ética para práticas profissionais que lidam com a saúde da população negra. Estar em contato, questionando e refletindo sobre as relações raciais, seja no âmbito da sexualidade ou não, mostra-se um importante aparato para o fomento de uma prática psicológica antirracista.

6 Expressões sexuais/afetivas: Afinal, é possível descolonizar a sexualidade?

Diga não ao racismo
Diga não ao preconceito
Diga não ao genocídio do meu povo preto
Diga não à polícia racista
Diga não à essa militarização fascista
Diga não
Não fique só assistindo
Muita gente chora irmão enquanto você tá rindo

Diga não! Diga não!
Diga não! Diga não!
Diga não! Diga não!
(Bia Ferreira, 2018)

Uma das questões que talvez mais tenha norteado o caminhar desta pesquisa fora a que compõe o subtítulo acima. A partir do momento que dei início

a minha vida sexual/afetiva, fui percebendo estes “tentáculos” do racismo e da Colonialidade sobre a expressão de minha sexualidade. Obviamente que somente muito recentemente estes foram os nomes que utilizei para caracterizar tais fenômenos. Considero necessário retomar aqui o padrão “homem/ heterossexual/ branco/ patriarcal/ cristão/ militar/ capitalista europeu” (GROSFOGUEL, 2008, p. 113). Tal padrão cada vez mais mostra-se estruturante em nossa sociedade e é desconcertante saber que possivelmente não me encontro em nenhuma dessas palavras. Não me encontro e ao mesmo tempo sou o “não”, não-homem, não-branca, não-heterossexual, não.

E de negação em negação, vamos ao que não estava presente e o que não sabemos. Durante as rodas de co-labor em que discutimos os depoimentos do livro de Neusa Souza (1983), nos aproximamos de narrativas que explicitavam os estereótipos sexuais apenas por uma perspectiva heterossexual. Com isso, nos direcionamos a outras referências e assim, obtivemos o relato de Malcolm sobre a vivência do homem negro gay:

Eu conversava com dois meninos recentemente quando eu estava em [faz referência a uma cidade], que eles eram homossexuais negros e eles comentavam exatamente isso, o quanto no mundo homossexual masculino o homem negro tem esse papel estereotipado de performance sexual e tudo mais. Como é um mundo já estereotipado, não vou dizer, por excelência, mas muito estereotipado porque a comunidade gay, assim como os negros, se apropriaram do discurso que foi construído sobre elas. O mundo homossexual masculino negro, ele se apropria de dois discursos, e aí o quanto o jovem negro gay, homem principalmente, ele se cria através de destroços, porque ele tem que ostentar uma masculinidade por ser negro só que ele é gay, então essa masculinidade ela é parcial. Num relacionamento sexual, quando ele é inter-racial, o homem negro ele ostenta uma masculinidade que não necessariamente ele tem, ou não necessariamente ele carrega como uma marca dele e isso fica meio que como uma máscara, como o Fanon diz. Então, o homem gay negro ele tem uma máscara masculina para se relacionar [...]. Eles têm uma dificuldade de se entregar ou de se relacionar sem estar embasado única e exclusivamente na marca sexual do relacionamento. [...] E aí o que esses rapazes falavam era que o quanto o gay negro ele tem que sempre afirmar essa sexualidade extrema. Então, qualquer ato sexual ele vai ser exacerbado, não necessariamente é isso que ele quer, mas é isso que ele tem que aparentar no relacionamento (MALCOLM, 2019).

Malcolm está aqui sendo um interlocutor, porém, sua fala e o relato feito um pouco mais acima sobre a lógica “beleza-branca/feitura-negra” no relacionamento inter-racial, nos dão uma pequena ideia de como a Colonialidade da Sexualidade age nos corpos das pessoas que enfrentam a complexidade de

vivenciar uma sexualidade marcada não só pelo “substantivo Negro”, mas também pelos substantivos da não-heterossexualidade. Nesta perspectiva, aumentam os discursos opressores e a interiorização dos mesmos resulta em um duplo Ideal de Ego com os quais se associar: branco e heterossexual.

Nola nos apresenta em sua narrativa a relação entre a mulher negra não-heterossexual e as figuras representativas do mito negro apontadas por Souza (1983) no que tange a irracionalidade:

Mas [...] isso que o Malcolm falou eu penso que também acontece em relações homoafetivas. Porque a partir do momento que tu não é mais uma sapatão qualquer ali que tá no rolê, [...] quando eu falo que eu sou formada e faço outra faculdade é muito uma coisa: “Nossa, como assim?!” [...] Tu acabas se tornando uma ameaça, tu não é mais uma pessoa burra que tá ali, que tu vai ser usada. Acho que tem bastante semelhança nesse sentido (NOLA, 2019).

Voltando agora ao “não”, à negação e ao não se encontrar nas palavras. Mbembe (2017) disserta brilhantemente sobre o conceito de “raça”, sua construção e articulação, bem como sobre o “substantivo Negro”. Nos perguntamos então sobre os substantivos da não-heterossexualidade:

[...] o termo “negro”, como que é adicionado, também, será que xs meninxs que se relacionam com outrxs meninxs, da onde que veio _____? A palavra _____? Quem que inventou? Quem colocou? Vem disso também, né, porque a palavra “negro” é como ela disse, foi quem colonizou que colocou, mas, e _____? Quem é que chegou e falou “ah, agora a partir de hoje o termo _____ vai para meninxs que se relacionam com meninxs”?⁸ (AV, 2019).

A título de fomentar a discussão, não saciá-la, trago por fim duas autoras que pensam as relações e a sexualidade de forma complementares. Audre Lorde (2013b) e Sobonfu Somé (2007).

Lorde (2013b) nos fala sobre o erótico como uma força vital enraizada em cada uma de nós. O erótico, apesar de diferenciar-se do conceito de sexualidade, fora muitas vezes “difamado pelos homens e usado contra as mulheres” (p. 10), bem como o dispositivo da sexualidade apontado por Foucault (1988). Para Lorde (2013b), o erótico tem a ver com a profundidade do

⁸ O relato de AV está com algumas palavras ocultadas e com nomenclatura neutra a respeito do gênero propositalmente. Esta escolha se deu para que neste espaço seja possível pensarmos palavras como “lésbica”, “gay”, “homossexual”.

sentimento, com energia vital e a integração entre esta energia e as dimensões espiritual e política. A autora aponta para o fato de que

Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder (LORDE, 1984, p. 9)

Sobonfu Somé (2007), por sua vez, nos conta sobre as relações de intimidade e amor na etnia *Dagara* de sua região de origem em Burkina Faso. No capítulo intitulado “Homossexualidade: guardiões do portão” (p. 139), a autora compartilha que “As palavras ‘gay’ e ‘lésbica’ não existem na aldeia. Temos, sim a palavra ‘guardião” (p.139). Somé (2007) versa sobre como as pessoas ditas, para nós ocidentais, “homossexuais” são vistas em sua comunidade. Assim como o erótico em Lorde (1984), a homossexualidade na etnia *Dagara* representa uma conexão maior entre o mundo terrestre e o mundo espiritual. Segundo Somé (2003), há nos guardiões um papel social fundamental para a comunidade, o conhecimento que detém é valorizado e há nestas pessoas um propósito para existirem, o qual talvez tenhamos dificuldade para entender enxergando a partir da visão imposta em nós pela Colonialidade da Sexualidade.

Retomando este último conceito e a pergunta do início do subtítulo. A partir dos compartilhamentos e saberes produzidos nas rodas de co-labor, chegamos ao entendimento de que a Colonialidade atualiza-se no âmbito da sexualidade das mais variadas formas. Nos perguntamos também se seria possível desfazer as amarras feitas pela Colonialidade em nossa sexualidade. Malcolm contribui nos dizendo que

Tem pessoas que não passaram por esse processo de se dar conta [...]. Quando não percebe o fetichismo que tem por trás de todas as relações. E é uma chavezinha assim, num momento da tua vida tu vais te ligar, ou não, né? (MALCOLM, 2019).

Percebemos também que este processo está em nós e para pensá-lo, talvez possamos utilizar a seguinte analogia: “É tipo um vírus, colonialismo é um vírus que tá na gente. Tu consegue, assim como o HIV, tu consegue diminuir a

contagem do vírus no teu sangue, mas ele nunca vai deixar de tá lá” (MALCOLM, 2019).

Dentro dessa lógica, a Colonialidade da Sexualidade faz-se um paradigma estruturante de nossa compreensão de nós mesmos, ela nos instaura um limite, ela nos instaura o padrão pelo qual devemos nos pensar, nos ater e expressar nossa sexualidade. Tal conceito pode, inicialmente, ajudar-nos a pensar a vivência de nós, negros e negras, acerca da sexualidade, já que nos parece que os conceitos “clássicos” que referem-se a sexualidade não necessariamente nos abarcam. Especialmente, no que tange às mulheres negras que vivenciam o lugar da não-heterossexualidade.

Não nos distanciando muito da ideia central deste estudo em produzir questionamentos, terminamos com a afirmação de algo que ainda não sabemos: tal como Malcolm afirma: “nessa lógica de estado não tem como ultrapassar, no meu entendimento, só se subverter a porra toda. Que eu também não sei como é que é” (MALCOLM, 2019). Concordamos que, enfim, ainda não sabemos como é que é.

Referências

ALVES, Míriam Cristiane. **Desde Dentro: Processos de Produção de Saúde em uma Comunidade Tradicional de Terreiro de Matriz Africana**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

BLUESMAN. Intérprete: Baco Exu do Blues. In: Álbum: BLUESMAN. Intérprete: Baco Exu do Blues et al. Independente, 2018. Faixa 01. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SoTkm5LkGKg&t=604s>. Acesso em: 2 de jul. 2019

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução n. 510**, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana. Brasília, DF, Diário Oficial da União, 07 abr. 2016. Disponível em: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

Conselho Federal de Psicologia. **Resolução CFP nº 018/2002**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF. Acesso em: 01 de jul. de 2019.

CHIMARRÃO. In: **Dicionário didático de Língua Portuguesa: ensino fundamental 1**. Rogério de Araújo Ramos. 2 ed. São Paulo: SM Edições, 2011, p. 178.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 15 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Freud, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969^a.

FREUD, Sigmund. (1926). A questão da análise leiga. In: Freud, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, vol XX. Rio de Janeiro, Imago, 1969b.

FREUD, Sigmund. **Die Frage der Laienanalyse**. Internationaler Psychoanalytischer, Verlag: Leipzig, Wien, Zurig, 1926.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Brasília, ANPOCS, n.2, p. 223-244, 1983.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008.

HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage, 1997.

KILOMBA, Grada. "The Mask" In: Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism. 2 ed. Münster: Unrast Verlag, 2010.

LEYVA, Xochitl; SPEED, Shannon. Hacia la investigación descolonizada: nuestra experiencia de co-labor. In: LEYVA, Xochitl et al (Coord.). **Gobernar (en) la diversidad**: experiencias indígenas desde América Latina. Hacia la investigación de colabor. México: CIESAS, FLACSO Ecuador e FLACSO Guatemala, 2008. p. 34-59.

LORDE, Audre. Transformação da Linguagem em Ação. In: Textos escolhidos de Audre Lorde (Coletânea). **Heretica Difusão Lesbofeminista**. Edições lesbofeministas independentes, 2013a.

LORDE, Audre. Os Usos do Erótico: O Erótico como Poder. In: Textos escolhidos de Audre Lorde (Coletânea). **Heretica Difusão Lesbofeminista**. Edições lesbofeministas independentes, 2013b.

LUGONES, María. Colonialidad Y Género: Hacia Un Feminismo Descolonial. In: MIGNOLO, Walter et al. **Género y descolonialidad**. 2.ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, p.13-42, 2014.

MBEMBE, Aquille. **Crítica Da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, p.117-142, 2005.

SOMÉ, Sobonfu. Homossexualidade: guardiões do portão. In: SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: Ensinaamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Rio de Janeiro: Odysseus, 2003.

SOUZA, Neusa, Santos. **“Tornar-se negro”**: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

VIDEOCLÍPE. Diga não. [Intérprete e Composição]: Bia Ferreira. Produção: MarQ Audio Visual. Sofar São Paulo. Videoclipe. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HyusmerTeUM&t=202s>. Acesso em: 02 de jul. 2019.

VIDEOCLÍPE. Não precisa ser Amélia. [Intérprete e Composição]: Bia Ferreira. Direção: Erica Pascoal. Produção: Ganga Produções. Fatiado Discos. 2018. Videoclipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=psxSY400Pn8>. Acesso em: 02 de jul. 2019.

VIDEOCLÍPE. Braille. [Intérprete e Composição]: Rico Dalasam. Direção: Alexandre Cintra e Gustavo Lucciola. Produção: Horizonte Produções. 2019. Videoclipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ga4LerPmyrk>. Acesso em: 02 de jul. 2019.

VIDEOCLÍPE. Vencedora SLAM grito filmes 2017 "GABZ". [Intérprete e Composição]: Gabrielly Nunes. Produção: Fernando Salinas. 2017. Videoclipe. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kZhPvruoeFW>. Acesso em: 02 de jul. 2019.

Apêndice



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE MEDICINA
CURSO DE PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada(o) participante:

Sou estudante do Curso de Psicologia da UFPEL e estou desenvolvendo um estudo intitulado: **Dos Conceitos “Clássicos” ao Pensamento Crítico Descolonial: Conversando Sobre Sexualidade**, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Miriam Cristiane Alves. Este estudo integra uma das ações do projeto de pesquisa “A Violência do Inexistir: a construção de uma Clínica Política Decolonial”, do curso de Psicologia da UFPEL. O referido projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FAMED/UFPEL em 21 de junho de 2017 – parecer número 2.128.721. O objetivo do meu estudo é problematizar conceitos “clássicos” sobre a sexualidade humana, colocando-os em discussão a partir do pensamento crítico decolonial.

Sua participação é voluntária e envolve participar de rodas de co-labor onde conversaremos sobre a vivência da sexualidade e demais questões que surgem a partir da mesma. As rodas de co-labor acontecerão em data, horário e local a combinar. Faremos a gravação em áudio das conversas se assim você permitir.

O estudo apresenta riscos mínimos. No entanto, as conversas na roda de co-labor poderão acarretar desconfortos ou constrangimento, e para minimizá-los as questões debatidas poderão ser ou não respondidas na sua totalidade, podendo haver desistência da participação em qualquer momento, sem prejuízo para você.

Na publicação dos resultados da pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la(o).

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico.

Este documento foi elaborado em duas vias idênticas que serão assinadas por você e pelas pesquisadoras. Uma cópia ficará com você e outra com as pesquisadoras.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelas pesquisadoras pelo Telefone: (53) 984737478 ou Email: thatty899@gmail.com

Atenciosamente,

Prof^a. Dr^a. Miriam Cristiane Alves

Local e data

Tatiane Borchardt da Costa

Local e data

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Nome e assinatura da(o) participante

Local e data